

Dificuldades presentes na cultura angolana

Difficulties present in angolan culture

DOI 10.5281/zenodo.12744739

Régis Pereira Cruvinel¹

Resumo: A Angola é vista como o quinto maior país do continente africano, abrange cerca de 10 grupos etnolinguísticos os quais apresentam um mosaico multicultural caracterizado pela diversidade das formas e expressões culturais. O presente estudo teve como objetivo verificar as dificuldades presentes no contexto cultural da Angola. A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, com a utilização de artigos, dissertações e livros obtidos em bases de dados da internet preferencialmente publicados de 2010 a 2024. A literatura revisada nessa pesquisa apontou que o desenvolvimento da Angola teve a participação dos angolanos e dos portugueses, sendo marcado por um período exemplificado pelos episódios de violência, agressividade, imposição e abuso de autoridade. O histórico do país evidencia que durante o período colonial favoreceu o progresso associado com a luta da população angolana para a fundamentação da importância dos valores culturais africanos que eram bastante discriminados pela classe europeia. As obras investigadas mostraram que os conflitos existentes promoveram a luta pela libertação e autonomia deste país em detrimento dos seus valores culturais próprios da Angola. Conclui-se que discutir e refletir sobre o presente assunto é muito importante para a compreensão de todo o processo histórico da cultura angolana, haja vista que é fundamental o conhecimento do território anteriormente da efetivação da independência em decorrência dos fatos ali vivenciados e também pela luta contra o preconceito das diferenças existentes.

Palavras-chave: Angola. Tradições. Cultura.

Abstract: Angola is seen as the fifth largest country on the African continent, covering around 10 ethnolinguistic groups which present a multicultural mosaic characterized by the diversity of cultural forms and expressions. The present study aimed to verify the difficulties present in the cultural context of Angola. The methodology used in this study was bibliographical research, with the use of articles, dissertations and books obtained from internet databases, preferably published from 2010 to 2024. The literature reviewed in this research indicated that

¹ Bacharel em Engenharia Agrônoma pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC), Bacharel em Administração Pública pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Bacharel em Teologia/MEC pela Faculdade de Teologia de Boa Vista (2005). Graduando em Licenciatura em Letras/Literatura pelo Instituto Federal de Educação e Tecnologia Triângulo Mineiro (IFTM). Pós-Graduação Lato sensu em Educação Ambiental pela UFOP. MBA Gestão de Pessoas e Finanças pela FCC. Docente no IFTM - Pólo Coromandel - nos cursos Técnicos de Agronegócio e Agropecuária. <https://orcid.org/0000-0003-2099-8034>. registann@hotmail.com

Recebido em: 31/05/2024

Aprovado em: 14/07/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



the development of Angola had the participation of Angolans and Portuguese, being marked by a period exemplified by episodes of violence, aggressiveness, imposition and abuse of authority. The country's history shows that during the colonial period it favored the progress associated with the struggle of the Angolan population to substantiate the importance of African cultural values that were quite discriminated against by the European class. The investigated works showed that the existing conflicts promoted the struggle for the liberation and autonomy of this country to the detriment of their cultural values specific to Angola. It is concluded that and reflecting on this subject It is concluded that discussing and reflecting on this subject is very important for understanding the entire historical process of Angolan culture, given that it is fundamental to know the territory prior to the realization of independence as a result of the facts experienced there and also for the fight against prejudice of existing differences.

Keywords: Angola. Traditions. Culture.

1 Introdução

A Angola é situada em um território composto por planalto, o qual apresenta altitude em torno de 1.000 e 1.500 metros, com uma delimitação de uma faixa estreita composta por terras mais baixas na região costeira. É vista como o quinto maior país africano com uma extensão de 1.246.700 km, situada na região da costa ocidental austral, com limitação no Norte da República Democrática do Congo e ao Sul pela República da Namíbia e a Leste pela República da Zâmbia (Abreu, 2016).

Este território é formado por cerca de 10 grupos etnolinguísticos (Pereira, 2002) que possuem a cultura *bantu* como sendo uma identidade semelhante, apresentam uma série de diferenças específicas que compõem um mosaico multicultural caracterizado pela diversidade das formas e expressões culturais (Peixoto, 2009).

O mosaico era visto como um fato de disputas e enfrentamentos do campo cultural, principalmente no que se referia ao contexto da etnocracia pela substituição pela conquista da democracia por meio da criação da política que defendia as questões étnicas e culturais (Bittencourt, 2010).

Do ponto de vista cultural, Angola apresenta-se como um país multicultural representando, assim, uma diversidade de espaços socioculturais, dos quais se destacam os Bantu, Koishan e os Vatwa, com amplo destaque para o grupo étnico *Bantu*, que englobava nove dos principais grupos etnolinguísticos (Fernandes, 2013). Nesse sentido Angola se constitui de várias identidades culturais, sendo que cada grupo linguístico possui características peculiares. Apesar dessa multiplicidade, o sistema educativo é dominado pela língua portuguesa (Tando; Nambua, 2024).

A multiculturalidade tem como origem do processo da delimitação das fronteiras com base nas discussões presentes na Conferência de Berlim que teve como organização as potências mundiais do término do século XIX. Este movimento questionava a separação da África, umas grandes parcelas dos grupos homogêneos tiveram a sua separação e também a divisão dos territórios geográficos abrangendo determinados grupos os quais possuíam parâmetros culturais distintos (Diniz, 2012).

Fernandes (2013) realizou uma defesa pela cultura exemplificando esta como detentora do poder, com a justificativa que mesmo de forma gradual ocorreu o processo do avanço das tecnologias em áreas de baixo poder econômico, com ênfase de que a África foi capaz de apresentar uma boa resolutibilidade sobre as possíveis soluções para os inúmeros problemas existentes no continente africano.

Com base no presente exposto questiona-se: Quais foram as dificuldades presentes na cultura Angola?

Acredita-se que dentre a cultura angola vivenciou uma série de dificuldades dentre estas as encontradas no decorrer do processo da colonização, as quais os colonizadores queriam fazer imposições quanto ao modo de vida, hábitos e costumes e desprezavam a cultura vivenciada na Angola.

O presente estudo teve como objetivo verificar as dificuldades presentes no contexto cultural da Angola.

2 Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica que de acordo com Lakatos e Marconi (2001) prima pelo levantamento de obras já publicadas tendo em vista a aproximação do pesquisador com as pesquisas já divulgadas sobre uma temática específica intentando buscar ou sugerir soluções para o problema proposto no projeto de pesquisa e além disso é uma modalidade de pesquisa possui grande utilidade como ponto de partida para outras investigações.

No caso do estudo em tela, foi realizada com a utilização de artigos, dissertações e livros obtidos em bases de dados da internet preferencialmente publicados de 2010 a 2024 no idioma português sendo a busca realizada por meio das seguintes palavras-chave: Angola, Tradições e Cultura.

3 Desenvolvimento

A Angola se tornou independente no ano de 1975, porém ainda se tinha uma série de dificuldades e preceitos correlacionados com a expansão social, principalmente quanto aos obstáculos referentes a socialização e participação dos cidadãos nas questões sociais independente de gênero (Oliveira, 2018).

Porém, a Angola vivenciou um cenário marcado pelos conflitos, episódios violentos e fatos que dificultavam o exercício integral da cidadania marcados pela ocorrência da guerra civil (Coelho; Falau, 2024; Silva, 2018); a inserção do sistema político monopartidário; centralização econômica, a tragédia ocorrida em 27 de maio de 1975, todos estes fatos geraram o surgimento de uma cultura receosa, assim como o distanciamento dos angolanos em decorrência dos fatores políticos, não contribuindo para o fortalecimento do país (Silva, 2018).

Com base em Oliveira (2018) a lei datada em 1919 proporcionou a criação dos princípios legais para a validação da discriminação, das diferenças existentes entre os indivíduos, principalmente os colonos da soberania dos nativos, os quais estes eram vistos como superioridade e detentores de privilégios, enquanto os nativos eram submissos aos maus tratos e agressões físicas.

De acordo com Silva (2018) no ano de 1920, teve a aprovação do Estatuto do Assimilado, o qual possibilitou a concretização dos africanos aprenderem e compreenderem os hábitos e costumes dos portugueses para adquirirem o direito da cidadania conforme as exigências impostas.

Conforme os conhecimentos de Santos (2016), existia um conceito de superioridade dos brancos quanto ao direito da terra e de executar o trabalho escravo como direito adquirido, e os africanos faziam o trabalho pesado de construir uma economia colonial extrativista, perdendo suas terras, sem receber salários justos nem os benefícios de serem considerados cidadãos.

O desenvolvimento da Angola teve a participação dos angolanos e dos portugueses, sendo marcado por um período exemplificado pelos episódios de violência, agressividade, imposição e abuso de autoridade. O histórico evidencia que durante o período colonial favoreceu o desenvolvimento associado com a luta da população angolana para a fundamentação da importância dos valores culturais africanos que eram bastante discriminados pela classe europeia. Os conflitos existentes promoveram a luta pela libertação e autonomia deste país em detrimento dos seus valores culturais próprios da Angola (Castelo, 2012).

Os colonizadores apresentavam um histórico cultural que era visto como uma cultura superior que deveria ser estabelecida em substituição da cultura da Angola. A sociedade angolana permaneceu por vários séculos principalmente durante o século XX, com imposições massacradas exemplificados pelos conflitos raciais (Santos, 2016).

O processo da colonização da Angola, ocasionou a independência após 25 anos, porém em todo este período teve o aparecimento dos textos jornalísticos e literários os quais foram publicados nos jornais, proporcionando a ampliação do conhecimento deste país por parte dos leitores, para demonstrarem a redução das taxas do analfabetismo angolano, assim como promover o conhecimento da cultura e dos hábitos ali existentes (Oliveira, 2018).

Dentre os fatores existentes que marcaram o desenvolvimento da cultura no território angolano destaca-se das imposições feitas através dos portugueses que faziam intervenções severas para a alteração da sociedade das colônias africanas, principalmente após a perda da colônia brasileira durante o século XIX, sendo assim uma das consequências deste fato foi a dificuldade quanto ao acesso dos africanos ao ensino escolar de forma que os portugueses tinham como objetivo um investimento de uma civilização dominadora (Abreu, 2016).

A implementação da língua portuguesa foi inserida de forma gradativa no cenário escolar principalmente no ensino público, pois havia uma repressão quanto ao uso dos dialetos regionais. De acordo com os ditames estabelecidos pelo Decreto nº 77, datado em 9 de dezembro de 1921, com a aprovação do Alto Comissário da República Portuguesa, que fazia uma orientação sobre o ensino do português de forma universal (Vergo, 2014).

A literatura nacional teve o seu desenvolvimento no término do final do século XIX e começo do XX, a qual foi marcada por descrever os fatos vivenciados anteriormente ao processo da independência e após a obtenção da autonomia do território, exemplificando todo o sofrimento e críticas sofridas pelos povos na época dos colonos em razão das circunstâncias apresentadas (Oliveira, 2018).

A literatura foi marcada pelos movimentos denominados pela expressão Negritude, que objetivava valorizar e lutar pelos direitos dos negros, com uma ampla divulgação nos jornais e revistas de forma que colaborava com a construção da identidade dos angolanos, sendo exemplificado pelo romance do autor Antônio de Assis Júnior da obra *O Segredo da morta* em 1929, que abordava a linguagem clássica do país (Diniz, 2012).

Foi feita uma série de exigências e restrições quanto a utilização de linguagens diferentes, principalmente quanto ao emprego da linguagem dos indígenas, que era usada somente na catequese de forma que auxiliava para a compreensão do português, mas com uma

severa exclusão das linguagens locais, com isso se teve uma intensa valorização da linguagem dos colonizadores (Fernandes, 2013).

A Angola possuía vários locais socioculturais, além de ser um país com uma diversidade cultural, com uma população bastante heterogênea principalmente quanto à diversidade étnica, com destaque para os Buntu, Koishan e os Vatwa, dentre estes o maior era o Bantu, que apresentava os principais grupos étnicos e linguísticos do país (Telo, 2012).

Ainda com base no autor citado anteriormente, no período anterior da época colonial, estes grupos eram presentes na região que situa a República angolana, com isso tinha se relações fundamentadas no campo econômico, político e social (Telo, 2012).

A diversidade cultural é originada da demarcação das fronteiras conforme os resultados obtidos com a Conferência de Berlim que promovia a chamada separação da África, que foi feito pelas principais potências presentes nos finais do século XIX. Na grande parte, teve uma separação dos grupos homogêneos para a divisão dos territórios independente se os grupos tinham hábitos distintos (Telo, 2012).

As inúmeras formas culturais presentes no cenário angolano são oriundas do processo da concentração das culturas presentes no território, anteriormente ao processo da colonização o território pertencia no Reino do Congo, o qual era conhecido pela existência da fertilidade das terras exemplificado nos ambientais naturais que abrangia a região do Gabão meridional até o planalto de Benguela (Ogot, 2010).

Fernandes (2013) comenta sobre as estratégias adotadas pelo governo para a criação de uma política que incentiva e beneficia o processo da cultura para promover a valorização das riquezas e padrões culturais, de forma a reduzir os impactos gerados pelo processo de globalização, como também dos possíveis movimentos que favorecem a violação dos direitos humanos dos angolanos.

Os angolanos que já residiram em outras localidades, quando resolvem retornar para a sua origem estão conectados com uma nova realidade, sendo esta de novos hábitos, costumes, religião e contextos socioculturais diferentes do que foi vivenciado na Angola, isso tudo possibilita o compartilhamento das informações, da aquisição de um novo modo de vida para que possam contribuir para a melhoria da sua origem (Boahen, 2010).

Além disso ressalta-se a inserção dos elementos culturais para a integração do país, além de incorporar critérios que possibilitaram a criação de uma cultura própria sem a interferência dos colonos, sendo assim acrescenta-se a popularidade e receptividade dos povos angolanos

que possibilitam a criação de hábitos e costumes que devem ser incorporados na rotina diária (Oliveira, 2018).

Os questionamentos que abordam a cultura angolana sinalizaram de forma objetiva sobre a probabilidade de a cultura ser influenciada pelos critérios cognitivos, pelos meios de comunicação que impacta fortemente no contexto social, principalmente na dimensão do campo literário (Santos, 2016).

Assim sendo percebe-se que a cidadania no território angolano é recente principalmente no que tange à participação popular em razão das desigualdades sociais existentes entre os indivíduos, os quais na maioria das vezes não possuem o direito de participarem ativamente das questões sociais. O baixo poder econômico, a exclusão social, a restrição quanto ao acesso ao sistema de saúde e também ao escolar são uns dos fatores principais que fazem a limitação quanto aos direitos presentes para os angolanos (Abreu, 2016).

A questão da diferença dos gêneros sempre foi discrepante principalmente no que diz sobre a inserção no mercado de trabalho, há uma intensa discriminação com o sexo feminino, o qual tem um acesso restrito quanto as oportunidades disponibilizadas e privilégios existentes no campo social (Diniz, 2012).

O Ondjango Feminista foi um movimento social formado por mulheres o qual teve a sua criação por volta de 2016, as integrantes apresentavam uma série de questionamentos e reivindicações por parte dos direitos igualitários entre o sexo masculino e feminino. Era um movimento autónomo, com articulação baseada pelos princípios igualitários do cenário jurídico, social e econômico, pleiteavam a busca pela inserção e direito da mulher no cenário social (Oliveira, 2018).

O processo de urbanização das sociedades africanas contribuiu para construir uma visão feminina distinta para possibilitar a participação destas no cenário social e laboral, de forma suas conquistas profissionais associadas com a obtenção de um salário compatível com suas atribuições (Silva, 2018).

O ambiente rural era bastante atrelado com as características e imposições feitas nos tempos anteriores, os quais indicavam a exclusão do sexo feminino principalmente no espaço profissional, as africanas que residiam na zona rural não tinham a chance de conseguir a emancipação em decorrência das questões tradicionais e dos mecanismos sociais que interligavam a negação dos direitos das mulheres, sendo atribuído somente a parte dos cuidados com a casa, com os filhos e cônjuge (Diniz, 2012).

Estes rituais faziam parte da cultura sendo necessário a inserção de novos hábitos que pudessem contribuir para a mudança dos comportamentos das pessoas, para evitar-se a ocorrência repetitiva dos mesmos preceitos que eram comuns na sociedade angolana, dentre a disseminação dos valores e rituais que abrangiam todos os princípios sobre a dignidade humana como o direito sobre a igualdade, mas o sexo feminino não era visto como merecedor dos privilégios dos homens (Curimenha, 2019).

No ambiente rural da Angola havia o predomínio das representações sociais que abrangiam a figura feminina principalmente com as expressões voltadas para o processo da discriminação sexual, a qual era um fator que fazia um desprezo para toda a sociedade principalmente sobre a falta de autonomia, reconhecimento das suas potencialidades, pois era o homem visto como superior e detentor das decisões que abrangiam o cenário do cotidiano, a mulher era vista como importante para o ambiente doméstico, sendo bastante cobrada pela quantidade de filhos que ia ter (Santos, 2016).

Sendo assim as mulheres eram totalmente dependentes do sexo masculino, eram obrigadas a cumprir com todos os afazeres da casa, além de cuidar dos filhos, não tinham direito de expressar as suas vontades, anseios e desejos, não tinham acesso quanto aos privilégios de frequentar uma escola, de encontrar uma profissão para ter um rendimento financeiro e ofertar uma melhor qualidade de vida (Abreu, 2016).

Ainda assim denota-se também que a mulher adulta participava dos rituais culturais os quais faziam orientações e direcionamentos sobre a importância da preparação desta para o casamento, para os cuidados com os filhos sendo vista somente como a protetora do lar, fazendo uma exclusão dos seus anseios e objetivos, que não tinham chances de questionamentos pois o seu papel era bem restrito (Silva, 2018).

No interior das comunidades todos os elementos culturais faziam a construção da identidade dos angolanos, as comunidades desenvolviam maneiras distintas sobre a cultura do interior, todas as formas culturais apresentavam a tendência da preservação e da garantia dos fatores e heranças culturais adquiridos nas épocas remotas de forma que cada comunidade rural não concordava com os critérios culturais das comunidades situadas no espaço (Curimenha, 2019).

Era necessário compreender a tamanha força e coesão das tradições culturais do espaço rural em Angola, principalmente do contexto da diversidade cultural e da luta pela valorização da cultura nos diversos espaços conforme a existência de grupos de pessoas com etnias e raças

diferentes sem promover discussão e repercussão como foi visto na época da colonização do país (Silva, 2018).

No espaço rural há existência de uma cultura com imposição dos papéis os quais geram hábitos, pensamentos e modos de vida distintos, mediante a adoção dos aspectos presentes da história do país, a qual engloba todos os símbolos dos rituais de passagem e mecanismos de controle social. Na cultura há a justificação da realização das práticas sociais principalmente das representações que abrangem as diferenças dos gêneros e atributos sociais de cada um destes (Diniz, 2012).

Nos tempos atuais afirma-se que a Angola ainda continua influenciada pelas ideias eurocêntricas, quando as mulheres procuraram os salões de beleza é comum serem questionadas por não optarem pelo cabelo liso, pois são indagadas não pela raça, mas principalmente pelo tom da sua pele, recebendo um tratamento diferente das pessoas de cor clara (Henriques, 2017).

Percebe-se o racismo de uma forma oculta, sem grandes comentários, com a predominância do chamado colorismo que é definida pela forma de se ver e do tratamento do indivíduo conforme a cor da sua pele não questionando o conceito da raça e questões socioeconômicas (Santos, 2016).

Denota-se que na Angola tem um tratamento diferenciado dos brancos estrangeiros em comparação com os angolanos, sendo um resultado originado da hierarquia e mecanismo social, que fazia afirmação da superioridade e privilégios dos brancos, exemplificado pela diferença de salários recebidos pelos profissionais angolanos, o qual é algo que é permitido por parte do poder político (Henriques, 2017).

Todos estes fatos são originados do processo da colonização que estabeleceu a submissão dos povos negros e que ocasionou uma série de impactos principalmente quanto as formas comportamentais dos angolanos os quais acreditam que não são beneficiados em decorrência da sua cor, fato exemplificado pela abertura de um banco no segmento privado que quase todos os colaboradores eram da cor mulata (Curimemba, 2019).

A cultura africana de forma tradicional teve sua alteração com a inserção dos elementos presentes no contexto colonial e posteriormente com o fenômeno da globalização, os quais fizeram uma série de repercussões no âmbito da vida humana, para que os valores da cultura tradicional não ficassem restritos somente pelas regiões locais, mesmo com o conhecimento e afinidade por outras já existentes (Oliveira, 2018; Tando; Mambua, 2024).

4 Considerações finais

Conclui-se que o desenvolvimento do presente assunto é muito importante para a compreensão do processo histórico da cultura angolana, haja vista que é fundamental o conhecimento do território anteriormente da efetivação da independência em decorrência dos fatos ali vivenciados, principalmente das dificuldades vivenciadas com os colonizadores, os quais eram totalmente diferentes dos angolanos.

Salienta-se também as dificuldades vivenciadas pelas mulheres no que tange à privação destes no meio social, sendo vistas como inferiores aos homens e restrita somente aos cuidados com a casa e sua família principalmente no cenário da zona rural que tinha os rituais que as mulheres deveriam participar como forma de preparação e conhecimento sobre as suas funções diárias que deveriam ser realizadas integralmente, com isso destaca a importância do movimento feminista e também do processo de urbanização das cidades, que gerou uma série de mudanças e inserção dos elementos culturais.

No território angolano denota-se que não há somente um tipo de cultura em razão de se ter vários espaços geográficos que possuíam grupos étnicos diferentes cada um destes apresentavam os seus costumes e hábitos próprios inerentes ao seu estilo de vida, como também pela ocorrência do fenômeno da globalização que possibilitou a inserção de novos conhecimentos por parte dos indivíduos que almejaram uma melhor qualidade de vida e também a expansão da cultura angola para outras regiões formando uma diversidade cultural como também favorecendo a compreensão e o respeito das diferenças culturais.

Referências

ABREU, C. Cidadania no feminino. *In*: PANTOJA, S.; E. A.; BERGAMO; A. C. S. (org.). **Angola e as Angolanas: memória, sociedade e cultura**. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 167-187.

BITTENCOURT, M. **Tradições e Modernidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 129-144.

BOAHEN, A. A. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2 ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

CASTELO, C. Investigação científica e política colonial portuguesa: evolução e articulações. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 391-408, abr./jun. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000200003> Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tkxcdMBVc7pKykBQzcTPb4g/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

COELHO, M. N.; FALAU; I. T. Inserção social e cultural em Angola: trajetórias de migrantes africanos e regressados. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, DF, v. 32, p. 1-14, abr. 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/remhu/a/WQvr7BsKt6RpHrfV3Hs53Kz/> Acesso em: 20 maio. 2024.

CURIMENHA, M. M. Um olhar sobre a mudança de sentido e o sentido da mudança na alfabetização angolana. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 18, n. 1, p. 72-91, jun. 2019. <https://doi.org/10.14393/rep-v18n12019-46346> Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/46346>. Acesso em: 19 nov. 2023.

DINIZ, A. M. C. A. **Filhos da Pátria**: a representação de identidades angolanas na literatura de João Melo. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2012. Disponível em:

https://www.uern.br/controldepaginas/disserta%C3%A7%C3%B5es%202012/arquivos/1014dissertacao_de_ana_maria_carneiro_almeida_diniz.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

FERNANDES, M. G. N. Embaixador da Angola fala sobre diplomacia cultural no parlamento britânico. **Revista da Embaixada de Angola WEZA**, n. 6. mar./abr. 2013.

HENRIQUES, J. G. **Racismo em português**: o lado esquecido do colonialismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

OGOT, B. A. **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília, DF: Unesco, 2010. Disponível em:

https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/hga_V_africa_do_seculo_XVI_ao_XVIII.pdf
Acesso em: 10 jan. 2024.

OLIVEIRA, L. T. **Na República de Moçambique temos a lei**: política de terras, sentidos da terra e conflito no litoral norte de Moçambique. 2018. 96f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) –, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32839>. Acesso em: 23 nov. 2023.

PEIXOTO, C. **Limites do ultramar português, possibilidades para Angola:**

o debate político em torno do problema colonial (1951-1975). 2009. 184 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Fluminense, Niterói, 2009.

Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/27664>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PEREIRA, L. N. N. Etnias de fronteira e questão nacional: o caso dos “regressados” em Angola. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 10, n. 10, ano 11, p. 45-61, 2002.

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v10i10p45-62> Disponível em:

<https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52393/56387> Acesso em: 10 jan. 2024.

PRADO, P. M. A. Pepetela e a Narrativa da Nação Angolana em a Geração da Utopia.

Revista Semina, Passo Fundo, v. 22, n. 2, p. 229-244, maio./ago. 2023.

<https://doi.org/10.5335/srph.v22i2.14893> Disponível em:

<https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/14893> Acesso em: 10 fev. 2024.

SANTOS, K. A. E. **Angola é um país de pretos?:** relações raciais, disposições de poder e figurações indenitárias em filhos da pátria, de João Melo. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26604>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SILVA, A. C. M. Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. **Neari em Revista**, Recife, v. 4, n. 5, p. 1-15, jun. 2018. Disponível em:

<https://revistas.faculdaadedamas.edu.br/index.php/neari/article/download/660/544>. Acesso em: 23 nov. 2023.

TANDO, W. E. T.; NAMBUA, M. A língua portuguesa em angola: reflexão sobre o seu domínio no Sistema de Ensino e Soft Power. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 31-46, jan. 2024.

<https://doi.org/10.51891/rease.v10i1.12809> Disponível em:

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12809> Acesso em: 20 mar. 2024.

TELO, F. C. A. **Angola:** a trajetória das lutas pela cidadania e a educação em direitos humanos. 2012. 241 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências Jurídicas).

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4373/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

VERGO, T. M. W. Possibilidades de uso das teorias pós-coloniais como referenciais para reflexão das condições de vida das mulheres brasileiras. **Educação e Cidadania**, n. 16, p. 34-43, 2014.